

## IDENTIDADE CULTURAL E ORIGEM DOS SAMBAQUIS\*

Maria Cristina Tenório\*\*

TENÓRIO, M.C. Identidade cultural e origem dos sambaquis. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: 169-178, 2004.

**RESUMO:** A questão da delimitação das unidades culturais envolvidas na construção dos sambaquis tem sido constante foco de debates na arqueologia brasileira. No presente trabalho, foram sistematizadas as informações disponíveis relacionadas à distribuição dos sítios e à cultura material assim como se procurou elaborar um modelo para explicar o povoamento do litoral brasileiro apoiado nos resultados dessa sistematização e na soma dos pontos convergentes de modelos pré-existentes.

**UNITERMOS:** Sambaquis – Identidade cultural – Litoral – Pescadores – Coletores.

### Introdução

Um dos maiores interesses do estudo dos sítios litorâneos reside justamente nas melhores possibilidades de se discriminar a influência dos fatores ambientais que homogeneizam a cultura material da margem de “liberdade cultural”, expressa pelas diferenças de estilo em grupos de mesmo nível tecnológico. (*Prous 1992: 199*)

Definir as unidades culturais envolvidas na construção dos sambaquis tem sido um dos maiores problemas da arqueologia brasileira. Essa

questão teve início tão logo foi finalizado o debate sobre o caráter artificial desses sítios.

No Brasil, entre as décadas de 50 e 80, houve inúmeras tentativas de agrupamentos regionais, apoiadas na sistematização das diferenças e das semelhanças encontradas na cultura material dos sambaquis. Dentre esses, destacam-se os trabalhos de Loureiro Fernandes, Paulo Duarte, Adam Orssich, Ondemar Blasi, Wesley Hurt, José Wilson Rauth, João Alfredo Rohr, Guilherme Tiburtius, Valentin Calderon, Alan Bryan, Clifford e Betty Meggers, Margarida Andreatta, Maria José Menezes, Niède Guidon, Luciana Palestrini, Ondemar Dias, Ana Maria Beck e Antonio Serrano, autores cujo objetivo principal de seus trabalhos era evidenciar os grupos afins e reconstituir os movimentos migratórios ocorridos na costa brasileira.

Posteriormente, foram utilizadas novas abordagens embasadas por teorias provenientes da Ecologia Cultural e da Antropologia que possibilitaram a elaboração de outros modelos interpretativos para entender o povoamento do litoral brasileiro. Embora à primeira vista fosse antagônica, uma análise desses modelos permitiu que a união de seus pontos convergentes fosse usada na construção de um novo modelo interpretativo para o desenvolvimento da questão.

(\*) Esta publicação faz parte das atividades de pós-doutorado desenvolvido no Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE/USP.

Pesquisa apoiada pela Financiadora Nacional de Estudos e Projetos/FINEP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro/FAPERJ, Centro de Aperfeiçoamento Profissional do Ensino Superior/CAPES e pelo Conselho Nacional de Pesquisa/ CNPQ – Entidade governamental brasileira promotora do desenvolvimento científico e tecnológico.

(\*\*) Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. ctenorio@domain.com.br

## Origem da cultura sambaquiana

Embora houvesse uma preocupação no estabelecimento das unidades culturais e sua dispersão, não existia, inicialmente, para o litoral, um questionamento sobre a origem de seu povoamento, se se tratava de uma só filiação cultural ou se os sambaquis haviam sido formados por diferentes levas de grupos vindos de lugares distintos. Apenas Annette Laming Emperaire (mimeógrafo inédito), que desejava testar a proposta de Paul Rivet sobre a existência de uma rota alternativa por mar usada por grupos que, há muito tempo, já estariam adaptados à vida marinha, sugere a possibilidade de uma origem única, vinda de fora.

Devido à morte prematura de Emperaire, seu projeto foi interrompido, mais tarde, outros retomaram a questão, passando-se a discutir se os grupos responsáveis pela formação dos sambaquis abrangiam uma ou várias culturas sambaquianas.

Segundo Prous (1992: 259), Serrano foi o primeiro a abordar o problema da identidade do “sambaquiano”, identificando a “fácies meridional”, com zoólitos, mais ao sul, e a “fácies setentrional”, a partir de São Paulo, sem zoólitos. Posteriormente, Beck (*apud Id.Ibid*) criou subdivisões para essas fácies e, depois, Piazza (*apud Id.Ibid*) definiu fases a partir de sítios englobados em uma dessas subdivisões, começando por critérios exclusivamente malacológicos, em função da predominância dos tipos de moluscos coletados. A classificação, a partir dos restos malacológicos, dentre outros aspectos, foi também utilizada, no Rio de Janeiro, para definir fases, por Mendonça de Sousa (1981), e unidades culturais, por Heredia *et al* (1989).

No entanto, com exceção da presença de zoólitos, o estudo da distribuição dos artefatos, segundo a abordagem do Histórico Culturalismo, não permitiu a delimitação das unidades culturais.

Numa análise da arqueografia brasileira, pode-se verificar a dificuldade de delimitação das províncias culturais, a partir do estudo da distribuição da cultura material. Sua delimitação em *fácies* foi importante para uma primeira sistematização, mas, numa abordagem mais detalhada, pode-se constatar a ineficácia das classificações, já que são comumente encontrados sítios distantes entre si portando uma mesma cultura material e, ao mesmo tempo, sítios próximos e contemporâneos apresentando diferenças marcantes.

No estado do Rio de Janeiro, Dias (1967), também pressupondo uma diferenciação cultural, a

partir da oposição entre sítios com predomínio de moluscos e sítios com maior evidência de pesca, identificou a fase Itaipu, em sítios em dunas, mais tarde considerada Tradição.

A constatação de que o sítio do Corondó teria sido construído por populações já perfeitamente caracterizadas e portando o conhecimento dos processos de reprodução de plantas, que provavelmente não ocorreu *in situ* (Dias Jr. & Carvalho 1990: 161), serviu para elaborar a hipótese de que seus construtores teriam uma origem diferente da dos sambaquis, embora fosse deixado em aberto “quais os caminhos percorridos pela difusão entre um ponto desconhecido no interior do país e esta região costeira”. (Dias *op.cit*: 172).

Uma origem diferente pressupõe uma unidade sociocultural distinta da sambaquiana. Segundo Dias:

*“podemos supor que a origem da Tradição não se prenderia, necessariamente, a sambaquianos adaptados. Ela poderia resultar, então, de caçadores, coletores & pescadores diversificados que desenvolveram uma sociedade complexa, paralela aos coletores especializados.”* (id: 160)

Embora ressalte muito a diferenciação cultural entre sambaquis e a tradição Itaipu, a ponto de constituírem duas tradições culturais, Dias (*ibid*) afirma que apresentam vínculos culturais:

*“O vínculo entre as antigas comunidades (sambaquianas) e as novas (economia diversificada – Itaipu) manteve-se tanto na tecnologia de fabrico, quanto na persistência dos padrões tipológicos dos artefatos líticos. Sem dúvida, esta classe de material ... constituiu-se numa espécie de “espinha dorsal” unindo as Tradições locais.”* (Dias, *ibid*: 172)

Prous (1992) atentou para a diversidade dos acampamentos litorâneos e optou por limitar a fase Itaipu aos limites físicos do Rio de Janeiro, área que até então apresentava muito poucos dados para que pudesse ser inserida nas subdivisões de Beck.

Por outro lado, a ausência de sítios apresentando evidências do processo adaptativo interior-litoral, acrescida da semelhança observada no padrão de assentamento (Gaspar 1991) e na cultura material, argumentam contra a diversidade cultural proposta para os sambaquis.

Poucos pesquisadores, entre eles, Maria Dulce Gaspar (1991), aceitam que a ocupação do litoral

brasileiro tenha se dado por um único sistema sociocultural.

Segundo Gaspar (*Id*: 260), a constante associação de moradia, alimento e enterramento configurara uma cosmologia própria a um único sistema sociocultural.

No modelo de Gaspar (*Id*), elementos estruturais manteriam a coesão do grupo, protegendo sua desestabilização cultural que poderia ficar ameaçada pela constante introdução de elementos novos.

### Cultura e adaptação

A discussão sobre origem e unidade cultural, a partir da década de setenta, se misturou às questões sobre mudança temporal, ambiental e adaptação e, como consequência, houve uma interdição ao uso do termo sambaqui para definir genericamente ocupação litorânea. Passando a ser o foco dos debates, o que seria ou não sambaqui, sendo substituída a delimitação dos sistemas socioculturais envolvidos no povoamento do litoral brasileiro pelo questionamento das mudanças adaptativas observadas nos sítios. (Terceiro Seminário Goiano de Arqueologia, março de 1980; 3ª Reunião do Sudeste, abril de 1995).

O reconhecimento de que existem sítios litorâneos contendo maior ou menor quantidade de molusco não está presente apenas na arqueologia brasileira, só não é consenso a atribuição de uma conotação cultural a essa diferenciação. A explicação que prevalece, a exemplo do que Erlandson (1994: 277) observa na costa da Califórnia, é que os sítios mais antigos apresentam maior quantidade de moluscos; nos mais recentes, é possível observar que o molusco deixa o papel de elemento básico da dieta para passar a ser apenas um artigo suplementar, o que é explicado por crescimento demográfico e pela exaustão dos bancos de moluscos. Essa explicação é compartilhada por Andrade Lima (1991) que observa a mudança do conteúdo faunístico em sítios localizados no litoral do estado do Rio de Janeiro, atribuindo o fato a uma exploração predatória dos bancos de moluscos e a um crescimento demográfico, e não a uma opção cultural.

Mesmo não considerando a diferenciação feita a partir da quantidade de moluscos encontrada nos sítios como um diferenciador cultural, Andrade

Lima (*Id*: 33) propõe que o litoral teria sido ocupado por diferentes sistemas socioculturais vindos do interior:

*“Produzidos por sistemas socioculturais distintos, regidos por lógica própria interna, esses montes precisam ser analisados sob a ótica da diversidade, respeitando-se seus particularismos, na medida em que perspectivas generalizantes e homogeneizadoras são de todo equivocadas para explicá-los”*. (Andrade Lima 1999-2000: 314)

Quanto à persistência de certos itens da cultura material, verificada nas adaptações aos ambientes litorâneos, Andrade Lima (*Id*) a atribui a uma conjunção de fatores, como limitação de matéria prima e difusão de técnicas, acompanhando os movimentos migratórios ao longo da costa.

No entanto, embora questione a validade da utilização das similaridades encontradas na cultura material, Andrade Lima (1991: 513) utiliza outras, apontadas na cultura material como indicio de que os sítios abordados na baía da Ribeira foram construídos por grupos pertencentes a um único sistema sociocultural. Tudo indica que o parâmetro usado pela autora é o da proximidade geográfica, pois apenas em sítios a pouca distância uns dos outros considera válida a utilização de tais similaridades.

Andrade Lima considera que concentrações de sítios devam corresponder a grupos de mesma filiação cultural:

*“Concentrações de sítios resultantes do estabelecimento desses coletores no âmbito de uma localidade ou mesmo de uma região podem ser assumidas como contemporâneas e corresponder à partilha de um território por bandos com uma mesma filiação cultural”*. (Andrade Lima 1991: 40)

Embora concordando com Barreto (1988 *apud* Andrade Lima *ibid.*) sobre a escassez dos dados disponíveis para discutir em maior profundidade a origem das populações que alcançaram o litoral durante o holoceno, Andrade Lima propõe, hipoteticamente, um modelo para o povoamento da costa brasileira, baseado no de Osborn, no que se refere à pressão demográfica, e no de Perlman, ao tratar de aproveitamento oportunista. O modelo elaborado por Andrade Lima se aproxima do de Dias ao propor uma ocupação do litoral por grupos interioranos:

*“Grupos provenientes do interior teriam alcançado o litoral empurrados por stress populacional em algum ponto do planalto e alcançaram a costa; ao encontrarem ambientes extremamente favoráveis ao seu estabelecimento, teriam se especializado na exploração dos abundantes recursos disponíveis em determinados ecossistemas não só por opção oportunista, mas ainda pela dificuldade de transpor a barreira montanhosa da Serra do Mar, já anteriormente considerada por vários autores.”*

Andrade Lima (1991: 33)

Caso os modelos de Dias e de Andrade Lima sejam corretos, a falta de elementos culturais interioranos no litoral sugere que levas populacionais oriundas do interior chegariam com seus costumes e, logo, adaptar-se-iam ao litoral, abandonando totalmente quaisquer elementos de sua cultura, passando, então, a produzir, imediatamente, elementos similares encontrados em toda a costa – desde artigos funcionais, utilizados na obtenção de alimentos, até elementos rituais – sem que houvesse contato com alguma “cultura” que já possuísse esses costumes, ou que tivesse pleno domínio da tecnologia necessária para a exploração dos recursos litorâneos.

Parece mais provável, que os grupos interioranos tivessem rapidamente se adaptado, perdendo, inclusive, seus traços mais marcantes, porque teriam sido absorvidos culturalmente por populações já bem adaptadas ao ambiente aquático.

A aculturação de grupos interioranos, que teriam chegado ao litoral, favoreceria a manutenção e a continuidade de uma “cultura sambaquina”, constituída de muita miscigenação, devido à constante introdução de elementos novos. No modelo de Gaspar (1991), elementos estruturais manteriam a coesão do grupo, protegendo sua desestabilização cultural que poderia ficar ameaçada pela constante introdução de elementos novos.

### **Rotas migratórias**

As grandes concentrações de sítios próximas aos vales de grandes rios que cortam as serras, como as concentrações em Iguape, Cananéia, Baixada Santista, Baía de Paranaguá, sugerem a existência de rotas migratórias para a costa, acompanhando o curso de rios. Neves (1988: 31)

cita como locais de passagem o vale da Ribeira e o vale do Rio Itajaí. Andrade Lima (1999-2000: 272) também concorda com um eixo por vias fluviais em alguns trechos do litoral, como no Vale do Ribeira, no Vale do Itajaí e no Vale do Jacuí. No entanto, para esta autora, em outras áreas, a serra do Mar teria atuado como uma barreira, favorecendo um movimento perpendicular à costa.

Uma análise inicial dos dados disponíveis sobre a cultura material encontrada no litoral brasileiro sugere a existência de pelo menos três rotas de entrada. Pelo norte, através do norte do estado do Rio de Janeiro; outra por São Paulo e, talvez, mais de uma pelo sul, por caminhos onde também são encontrados os Cerritos, percorridos por populações associadas aos zoólitos, que também poderiam ter vindo do Uruguai. No sul, parece ter ocorrido um fluxo maior de pessoas relacionadas a diferentes tradições culturais, o que se percebe na diversidade da indústria lítica encontrada em Santa Catarina.

Associado a esse fato parece não haver dúvidas quanto à presença da Tradição Uambu no litoral e quanto à entrada de grupos pescadores-coletores-caçadores proposta por Neves (1988).

No entanto, a grande similaridade nos elementos mais expressivos em termos quantitativos, fato também constatado por Gaspar (1991), parece indicar a existência de uma cultura sambaquiana agregadora de populações ainda não adaptadas ao litoral.

### **Cultura material encontrada no litoral: similaridades e diferenças**

Para ilustrar as similaridades e diferenças encontradas na cultura material proveniente do litoral compreendido entre o Rio de Janeiro e Torres, foram elaboradas três tabelas (Tabelas 1, 2 e 3), contemplando a distribuição das indústrias lítica, óssea e malacológica. Foram utilizadas as informações fornecidas por Prous (1992), acrescidas das informações obtidas através do desenvolvi-

(1) O projeto “O Aproveitamento Ambiental das Populações Pré-históricas no Litoral do Rio de Janeiro” vem sendo desenvolvido no Departamento de Antropologia do Museu Nacional. De 1981 até o ano de 2000 contou com o apoio da FINEP. Do seu início até 1989 foi coordenado pelo Professor Dr. Osvaldo Heredia, quando este veio a falecer, desde então o projeto vem sendo desenvolvido sob a coordenação da Professora Dra. Maria Dulce Gaspar e conta com a sub-coordenação da autora.

mento do projeto “O aproveitamento ambiental das populações pré-históricas no estado do Rio de Janeiro”.<sup>1</sup>

A partir das tabelas 1,2,3, pode-se observar a similaridade da cultura material proveniente do litoral, embora haja indiscutíveis elementos destoantes, como a ausência de zoólitos no Rio de Janeiro. Deve-se levar em consideração a escassez desse elemento no estado de São Paulo e sua abundância no sul, o que parece indicar um elemento introduzido nesta região e que perde sua popularidade, à medida que há uma dispersão de pessoas ou de idéias para o norte.

Por outro lado, os elementos semelhantes encontrados na indústria sugerem a mesma tradição cultural, com acréscimos e perdas regionais que podem ter sido provocados por aprimoramento tecnológico/adaptativo ou por contato e incorporação de outros grupos.

A distribuição do material lítico indica que, no estado de Santa Catarina, ocorre uma grande diversidade de tipos que se expande para os litorais norte e sul.

Retirando o Paraná da tabela, observa-se que a difusão dos elementos até o Rio de Janeiro é bem maior. O estado do Paraná fomenta a ilusão de uma ruptura cultural, o que pode ser apenas resultante da escassez de pesquisas.

Embora o estado de Santa Catarina não apresente datações muito antigas, sua indústria lítica sugere que teria se constituído num centro de dispersão. Já os construtores de sambaquis do estado do Rio Grande do Sul parecem ter recebido a influência de elementos externos, responsáveis pela introdução das pedras com covinhas e os objetos geométricos. No entanto, esses elementos são numericamente poucos e só chegam até Santa Catarina.

**Tabela 1**

**Ocorrência de artefatos líticos em sítios localizados no litoral brasileiro**

<b>Material/Estados</b>	<b>Rio G. do Sul</b>	<b>Santa Catarina</b>	<b>Paraná</b>	<b>São Paulo</b>	<b>Rio de Janeiro</b>
Recipientes					
Prismas naturais					
Seixos batedores					
Pesos de rede					
Bigomas					
Alisadores					
Grosa					
Corantes					
Amoladores polidores fixos					
Amoladores polidores portáteis					
Lascas de quartzo					
Lascas de seixos de r. básicas					
Pedras de queijo					
Lâminas de machados de seixos ou plaquetas com só o gume polido					
Pingentes zoomórfos					
Zoólitos					
Pingentes					
Pedras furadas					
Pratos					
Pedras com depressões					
Tigelas, pilões e pratos					
Objetos geométricos					
Pedras c/ covinhas					
Rodas dentadas					
Bola de boleadeira					

**Tabela 2**

<b>Ocorrência de artefatos ósseos em sítios localizados no litoral brasileiro</b>					
<b>Material/Estados</b>	<b>Rio G. do Sul</b>	<b>Santa Catarina</b>	<b>Paraná</b>	<b>São Paulo</b>	<b>Rio de Janeiro</b>
Facas					
Dentes de tubarão trabalhados					
Espátulas					
Instrumentos de ossos de cetáceos					
Recipientes					
Discos com furos					
Flautas					
Apitos					
Tábuas de ossos de cetáceos					
Vértebras perfuradas					
Dardos					
Pontas de esporão de raia					
Espinhos trabalhados					
Furadores					
Pontas de diáfises peixes					
Pontas de diáfises mamíferos e aves					
Anzóis					
Buris feitos de dente					
Propulsores					
Peças com gume de osso de cetáceo					
Pássaros					
Agulhas					

**Tabela 3**

<b>Ocorrência de artefatos malacológicos em sítios localizados no litoral brasileiro</b>					
<b>Material/Estados</b>	<b>Rio G. do Sul</b>	<b>Santa Catarina</b>	<b>Paraná</b>	<b>São Paulo</b>	<b>Rio de Janeiro</b>
Valvas recipientes					
Valvas com bordo cortante					
Valvas raspadores					
Braceletes					
Pingentes					

Este último estado pode também ser visto como um ponto de dispersão, como um divisor de águas em relação ao material lítico. Alguns elementos chegam do norte ou do sul e o alcançam, mas não o ultrapassam, fato que pode ser interpretado como a introdução de itens de fora obtidos através de contato ou da entrada de outros grupos por Santa Catarina (Neves 1988) ou, alternadamente, pelos dois estados, depois se misturando a grupos sambaquianos.

Em relação à indústria óssea, sua distribuição é muito mais homogênea e, não considerando o estado do Paraná, observa-se uma continuidade, com o estado de São Paulo no centro de dispersão.

Em relação à indústria malacológica, constata-se que o Rio de Janeiro apresenta a maior variabilidade de itens, tendo sido, provavelmente, o centro de dispersão desse implemento tecnológico (Dias 1992:162).

Pelo que foi exposto, a cultura material registrada no litoral brasileiro não apresenta evidências de que seja resultante de adaptações independentes. A variabilidade observada, provavelmente, está mais relacionada à absorção de novos elementos culturais do que a uma grande diversidade cultural.

As repetições observadas nos rituais de enterramentos corroboram a hipótese da existência

de uma cultura sambaquiiana, ao mesmo tempo em que a diversidade de elementos, que fazem parte desse ritual dentro de um mesmo contexto arqueológico, sugere a constante incorporação de outros grupos ainda não adaptados ao litoral.

### **Hipóteses para explicar similaridades e diferenças observadas na cultura material**

Três hipóteses não excludentes podem ser usadas para explicar semelhanças e diferenças encontradas na cultura material proveniente de sítios litorâneos, a saber:

1. Esses sítios foram construídos por grupos culturais relacionados a grupos pleistocênicos, já adaptados à economia costeira. As diferenças regionais são consequência de fusões com grupos oriundos do interior que, em épocas mais recentes, chegaram ao litoral usando, como rota, os grandes cursos d'água;

2. A exploração dos recursos marinhos pode favorecer a existência de um arsenal tecnológico muito parecido, daí as semelhanças encontradas, mesmo não havendo contato cultural. As diferenças observadas se devem às distintas filiações culturais relacionadas a vários grupos que vieram do interior em diversos momentos, quando as pressões ambientais ou populacionais tornaram o litoral mais atrativo do que os territórios interioranos.

3. A grande mobilidade permitida pela utilização de vias aquáticas, aliada à própria característica agregadora da exploração de recursos marinhos, teria propiciado um intenso contato, o que incentivaria, ao mesmo tempo, a presença de elementos similares na cultura material, como também uma grande diversidade estilística utilizada como fator de etnicidade, garantindo a territorialidade e a manutenção da identidade cultural. O intenso contato também incentivaria a miscigenação que estaria evidenciada pela presença da grande diversidade de elementos simbólicos encontrada nos sítios.

A primeira hipótese está baseada nas datações recuadas que têm sido obtidas para adaptações

litorâneas, sugerindo que, diferente do que se pensava, grupos paleoíndios teriam chegado ao litoral em épocas muito recuadas. Hipótese que questiona o modelo "Gates of the Hell" (Erlandson 1994:276), o qual propõe que o uso intensivo de recursos marinhos foi desenvolvido relativamente tarde, apenas quando o crescimento populacional ultrapassou a capacidade de obtenção de alimentos no ambiente terrestre (Cohen 1981: 281). Segundo essa hipótese, tais populações, há muito adaptadas ao litoral, mesclaram-se, posteriormente, a grupos oriundos do interior.

Na segunda hipótese, as similaridades são decorrentes apenas do tipo de exploração. Apoiada nas propostas de Cohen (1978) e de Binford (1968), volta-se para aquela em que a ocupação litorânea teria se dado num momento mais recente, como uma segunda opção para a falta de recursos nos territórios interioranos, decorrente de aumento demográfico.

De acordo com ela, os grupos que teriam chegado ao litoral não tinham contato entre si, apresentavam traços culturais distintos que, com o tempo, devido às exigências da exploração marinha, passariam a apresentar semelhanças, embora não houvesse contato.

A terceira hipótese baseia-se na existência de um intenso contato já que um trajeto por água seria a melhor opção para cruzar a exuberante mata fechada encontrada na costa brasileira; ao mesmo tempo, essa escolha permitiria uma grande mobilidade que incentivaria um intenso fluxo de pessoas e de informações.

Por outro lado, para que esse contato não interferisse na manutenção dos territórios e da identidade cultural, é provável que fosse necessária a criação de fatores de etnicidade (Hodder 1982) que reforçassem a identidade, na medida em que eram criados como elementos de diferenciação. Segundo Hodder (*ibid*: 12), quanto mais próximos os sítios, mais elementos de etnicidade haveria. Isso pode ser exemplificado pelo conjunto de sítios identificados no canal de Itajuru, no litoral do Rio de Janeiro. Embora localizados muito próximos e sendo contemporâneos, apresentam elementos muito diferentes na cultura material, inclusive relacionados à dieta alimentar (Tenório 1996), essas diferenciações podem ser percebidas como tendo sido criadas em oposição ao outro para reforço de identidade e manutenção de territórios (Hodder *op. cit*).

A partir do que foi apresentado, pode-se observar, nas três hipóteses, a presença de “escolas de pensamento” que condicionaram os tipos de abordagens, no entanto observa-se também que, não são excludentes. Consta-se que tanto a filiação cultural, como o arsenal tecnológico adaptativo e o intenso contato podem ser os responsáveis pelas semelhanças e pelas diferenças existentes na cultura material encontrada no litoral.

## Conclusão

A presença recorrente de elementos da cultura material – extremamente semelhantes em sítios distantes e, ao mesmo tempo, a diversidade do material resgatado em sítios próximos e contemporâneos – permite que seja levantada a hipótese da alta incidência de miscigenação e de fatores de etnicidade. Estes últimos seriam os responsáveis pelas diferenças verificadas na cultura material; a miscigenação responderia pela grande variedade de rituais funerários observados, muitas vezes, até dentro de um mesmo sítio, ou seja, haveria escolhas marcantes relacionadas a estilo, matéria prima, *modus* que seriam refletidos na cultura material encontrada num mesmo sistema de assentamento.

Segundo Hodder (1982: *passim*), a interação social nem sempre provoca homogeneidade estilística, já que a relação da sociedade com a cultura material está associada a estruturas ideológicas e com códigos simbólicos, pois a cultura material desempenha um papel ativo como símbolo nas relações sociais e econômicas entre grupos étnicos, grupos de idade, sexo, status e família.

Somando-se os pontos convergentes dos modelos construídos por Dias, Andrade Lima e Gaspar ao que foi apresentado, propomos um modelo interpretativo para explicar o povoamento do litoral brasileiro, no qual se parte do princípio de que teria existido uma “*cultura sambaquiana*” muito antiga formada por grupos marítimos, caracterizados por possuírem um profundo conhecimento de técnicas necessárias à exploração do meio aquático marinho. Esta suposição está apoiada nas similaridades observadas na cultura material, no padrão de assentamento, no fato observado por Gaspar (1991) sobre a constância do hábito de enterrar os mortos em locais que se destacam na paisagem e na ausência de sítios de transição que reunissem elementos do interior e do litoral.

Segundo este modelo, a essa *cultura sambaquiana* eram constantemente agregados novos costumes trazidos por grupos que alcançavam a costa, oriundos do interior. Apesar deste intenso contato, essa cultura não perdeu sua supremacia até a chegada dos ceramistas, pois detinha o conhecimento tecnológico necessário à exploração marítima e também porque possuía uma cosmologia bem estruturada constantemente reforçada em rituais que envolviam concentração de pessoas.

De acordo com o modelo proposto, o litoral durante mais de 5.000 anos foi povoado por grupos que constituíam uma sociedade única, mas composta de várias “etnias”. Neste caso a palavra etnia está grifada porque é utilizada relacionada ao conceito de etnicidade (Hodder 1982) e não à origem étnica. Entende-se por fatores de etnicidade o conjunto de elementos de função diferenciadora criados artificialmente para manutenção de territórios e de identidade social. Não obstante, a intensidade dos contatos, das trocas e até das mais efetivas, como a miscigenação através de casamentos. As diferenciações culturais regionais continuariam a ser mantidas graças à criação de fatores de etnicidade, que podem ser exemplificados por *modus* diferenciados de produção de artefatos ou de elementos rituais. Essas diferenças seriam constantemente reforçadas pela maneira de cada comunidade se ver em relação à outra, independente de terem ancestrais comuns.

Essa realidade produziu uma cultura material com muitos elementos recorrentes, mas também com diferenciações notáveis de difícil sistematização, já que o intenso contato e os elementos de etnicidade criados artificialmente atenuaram os contornos necessários à delimitação das unidades culturais. Nesse contexto, parte-se do pressuposto de que uma estratégia eficaz na caracterização dos grupos envolvidos no povoamento de determinadas áreas é a identificação e a utilização de elementos criados para reforçar identidade e que podem ser percebidos em contextos rituais, como no caso dos enterramentos ou em determinadas maneiras de fazer instrumentos.

## Agradecimentos

Agradeço o apoio da FINEP, da CAPES e da FAPERJ no desenvolvimento das pesquisas no litoral Rio de Janeiro, assim como a Maria Dulce Gaspar e a Angela Buarque pela atenciosa leitura dos originais.



TENÓRIO, M.C. Cultural identity and origin of the sambaquis. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: 169-178, 2004.

ABSTRACT: The question concerning the distribution of the cultural units involved in the construction of sambaquis has been in the constant focus of the debates in Brazilian archaeology.

In this paper, we systematize the available data related to the distribution of the sites and the material culture as well as present a model to explain the settlement of the Brazilian coast, supported on the results of that systematization and the sum of the merging points of preexisting models.

UNITERMS: Sambaquis – Cultural identity – Coastlines – Fishers – Gatherers.

### Referências bibliográficas

- ANDRADE LIMA, T.  
1991 *Dos Mariscos aos Peixes: um Estudo Zooarqueológico da Mudança de Subsistência na Pré-História do Rio de Janeiro*. Tese (Doutoramento em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo. São Paulo. 691p.  
1999-2000 Em busca dos frutos do mar: os pescadores/ coletores do litoral centro-sul brasileiro. *Revista da USP*, São Paulo, 44: 270-327.
- BECK, A.  
1970 Os sambaquis do Brasil meridional: litoral de Santa Catarina. In: Simpósio de Arqueologia Leste-Sul da América do Sul. *Anais do Museu de Antropologia*, Florianópolis, 3 (3): 57-70.
- BINFORD, L.  
1968 Post Pleistocene Adaptations. S.R. Binford; L. Binford (Eds) *News Perspectives in Archaeology*. Chicago, Aldine Ed.: 313-41.
- BLASI, O.  
1963 Cronologia absoluta e relativa do Sambaqui do Macedo. Alexandra 52 B. *Arquivos do Museu Paulista*, n.s. Arqueologia, 1
- COHEN, M.N.  
1981 *La crisis alimentaria de la préhistoria*. Madrid: Alianza Universidad Ed., 327 p.
- DIAS JR, O.  
1967 Notas prévias sobre pesquisas arqueológicas no Estado da Guanabara e Rio de Janeiro. *Publicações Avulsas, Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, 6: 89-105, il.  
1992 A tradição Itaipu, costa central do Brasil. B. Meggers (Ed.) *Pré-história de Sudamerica*. Smithsonian Institution, Washington: 161-176.
- DIAS JÚNIOR, O.; CARVALHO, E.  
1990 Tradição Itaipu (RJ) – Discussão de tópicos a proposta de um modelo teórico. *Revista do CEPA*, 17 (20), Santa Cruz do Sul: 157-166.
- DUARTE, P. (Ed.)  
1971 *O Homem Antigo na América*. Instituto de Pré-História, USP, São Paulo, 144p.
- ERLANDSON, J.M.  
1994 *Early Hunter-Gatherers of the California Coast*. New York and London: Plenum Press.  
1997 The middle holocene along the California Coast. Archaeology of 1997<sup>th</sup> the California Coast during the middle holocene. J. Erlandson; M. Glassow (Eds.) *Perspectives in California Archaeology*, vol. 4. Institute of Archaeology, University of California.
- GASPAR, M.D.  
1991 *Aspectos da organização social de um grupo pescador - coletor - caçador: Região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 364 p.
- HEREDIA, O.; TENÓRIO, M.C.; GASPAR, M.D.; BUARQUE, A.  
1989 Environment exploration by prehistorical population of Rio de Janeiro. C. Neves (Ed.) *Coastlines of Brazil*. New York, American Society of Civil Engineers: 230-39.  
1982 *Symbols in Action: ethnoarchaeological of material culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HURT, W.  
1974 The interrelationships between the natural environment and four sambaquis, coast of Santa Catarina, Brazil. *Occasional papers and monographs*, Indiana University Museum, Bloomington. Indiana. n.1
- MENDONÇA DE SOUZA, A.  
1981 *A pré-história fluminense*. Instituto Estadual do Patrimônio Cultural e Secretaria Estadual de Educação e Cultura Brasileira, Rio de Janeiro.

TENÓRIO, M.C. Identidade cultural e origem dos sambaquis. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: 169-178, 2004.

- NEVES, W.  
1988 Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). *Pesquisas, Série Antropologia*, São Leopoldo, 43: 1-178.
- ORSSICH DE SLAVETICH, A.  
1954 Observações arqueológicas em sambaquis. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 2 (1):65-70, jun.
- PROUS, A.  
1992 *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 620 p. il.
- RAUTH, J.W.  
1976 Subsídios para a arqueologia dos Sambaquis. *Museu de Antropologia e Arqueologia*.  
*Cornélio Procópio*, PR. Fac. Est. Fil. Ciências e Letras, 1: 49-54.
- ROHR, J.A.  
1973 A pesquisa arqueológica no Estado de Santa Catarina. *Dédalo*. *Revista de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, ano 9, 17/18: 49-58.
- SERRANO, A.  
1946 The sambaqui of the Brazilian Coast. *Handbook of South American Indians*, v. I, Whashington: 401-407.
- TENÓRIO, M.C.  
1996 A contribuição da Arqueologia na compreensão do desenvolvimento do mangue. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, Ciências da Terra, v. 8.

*Recebido para publicação em 3 de junho de 2004.*